

IV Encontro da Igreja Católica na
AMAZÔNIA LEGAL
50 anos do Encontro de Santarém
1972 - 2022

MEMORIAL

**A AMAZÔNIA e a IGREJA:
Encontros, caminhos, missão (Memorial)**

1º EDIÇÃO – 2022

Comissão Episcopal para a Amazônia

Membros da CEA -CNBB

Dom Leonardo Ulrich Steiner

Dom Erwin Kräutler

Dom Roque Paloschi

Dom Evaristo Spengler

Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira

Ir. Maria Irene Lopes dos Santos

Elaboração

Felício Pontes

Francisco Lima

Ima Vieira

Márcia Oliveira

Raimundo Possidônio da Mata

Roselei Bertoldo

Vanthuy Neto

Revisão

Renato Thiel

Diagramação

Raul Benevides

www.repam.org.br

Brasília, junho de 2022.



ÍNDICE

VER-SE: A IGREJA NA AMAZÔNIA QUE SE OLHA	7
Um pouco de história	7
A MISSÃO DA IGREJA NA ATUALIDADE.....	9
I Encontro - Bispos/Prelados:	10
Documento:	19
VER AO REDOR: ANÁLISE DE CONJUNTURA	27
Ecologia	27
Povos Indígenas.....	28
Migração e transformação.....	30
JULGAR, DISCERNIR E ILUMINA.....	33
Santarém 1972: o transbordar de uma Igreja que vai delineando seu rosto a partir do Vaticano II e de Medellín	33
Avancem para águas mais profundas... ..	34
É necessário perguntar-nos sobre a qualidade e sistematicidade desta presença hoje.....	35



Centenas de milhares de irmãs e irmãos leigos e religiosos, presbíteros e bispos embrenharam-se nas matas, navegaram rio abaixo, rio acima, viajaram pelas estradas desse mundo desigual, levando a Palavra de Deus, fundando e organizando as comunidades eclesiais, vivas e participativas, proféticas e missionárias, numa grande rede de solidariedade que as fez enfrentar as precariedades existenciais, manter viva a chama de sua fé e sua esperança e valorizar sobretudo sua religiosidade popular expressada nas festas religiosas, em novenas e procissões...

No caminho de “Santarém” lançamo-nos novamente nas estradas e rios, nas aldeias e quilombos, nos interiores e periferias das cidades, nos grandes centros urbanos desta imensa Amazônia, abraçando a missão que nos foi confiada, comprometidos com toda a criação e na busca de sermos autênticas comunidades de fé alimentadas pela Palavra e pela Eucaristia.

Bispos da Amazônia, 2013.





VER-SE: A IGREJA NA AMAZÔNIA QUE SE OLHA

Um pouco de história

Fala-se muito da Igreja na Amazônia hoje, mas essa presença remonta há mais de 400 anos atrás. Desde 1612, temos a presença de missionários – os Capuchinhos bretões – que vieram com os franceses colonizar o assim denominado Maranhão (São Luiz).

Mais tarde, a partir de 1616, com o início da colonização portuguesa cujo marco é a fundação da cidade de Belém do Grão-Pará, começaram a chegar outros missionários: os Franciscanos (1617, 1692 e 1703), os Carmelitas (1626), os Mercedários (1639/40) e os Jesuítas (1652), que levaram a pregação do Evangelho aos mais extremos rincões da região, por meio das missões ou aldeamentos missionários, atuando sobretudo em meio aos povos indígenas. Além deles, embora em pequena quantidade, esteve presente o clero secular, pois a criação da 1ª Paróquia em 1617 (N. S. da Graça) foi entregue a um sacerdote não religioso. A criação do Bispado do Maranhão (1677) e a do Bispado de Belém (1719), que abrangia todo o então Grão-Pará e a presença dos bispos caracterizam a institucionalização da Igreja. Também podemos dizer que o catolicismo se espalhou pela região por meio dos leigos,



além das irmandades, confrarias e ordens terceiras, demarcando um catolicismo tipicamente leigo, às vezes até em confronto com o catolicismo oficial. A devoção aos santos e a Nossa Senhora, de modo especial a Senhora de Nazaré, são uma marca desse catolicismo.

A partir de 1670, 1682 e no século XVIII houve a entrada de africanos para o trabalho escravo na Amazônia, através do Maranhão e de outras áreas de escravidão, como o Vale do Guaporé (Rondônia). Para os africanos não houve o mesmo empenho de evangelização como houve para os povos indígenas, no entanto, aconteceu, como para quase todo o Brasil, um processo biológico de miscigenação ou caldeamento, que tem como resultado a mestiçagem diversificada da região. A cultura e a religião foram profundamente influenciadas por essa nova realidade étnica.

Não obstante as mudanças ocorridas ao longo do tempo em termos políticos, econômicos, sociais e culturais, como a Independência do Brasil e a instauração da República, a Igreja manteve até recentemente uma postura de colaboração com o processo colonizador – enquadrada que estava no sistema do Padroado –, pois sua organização dependia completamente de fora, seja de Portugal, seja de Roma embora, em alguns momentos, conflitos acontecessem em virtude de posicionamentos contrários à legislação vigente no que diz respeito às questões indígenas e/ou à defesa da ortodoxia. Em geral, com exceção de alguns membros do clero secular ou diocesano, a grande parte do efetivo dos quadros da Igreja vinha de fora da região.



A MISSÃO DA IGREJA NA ATUALIDADE

A partir da década de 1950 podemos afirmar que acontece uma lenta, mas significativa mudança na presença da Igreja na Amazônia: uma volta maior aos problemas internos da região.

Para situar um pouco mais a questão: Desde o governo Vargas, passando por JK (Juscelino Kubitschek) e os militares, os planos econômicos começaram a ser aplicados na região, visando a integração e valorização da Amazônia, que não produziram o desenvolvimento esperado: foi criada a SPVEA (Superintendência para o Plano de Valorização Econômica da Amazônia), foi ampliada a área da Amazônia: a Amazônia Legal (06/01/1953) que passou a abranger 5.033.081 km² (59,15% do território nacional). Institutos de pesquisa, bancos, aeroportos, estradas, usinas hidrelétricas, os grandes projetos, a Zona Franca, os garimpos, as madeireiras, o gado, os grileiros, o latifúndio, “homens sem-terra para terra sem homens”, o tráfico de drogas e de armas, a prostituição infantil, o tráfico humano, além das doenças e a falência de políticas voltadas para a educação, habitação, segurança... provocaram muitos problemas, sendo o mais doloroso a exclusão social, o empobrecimento crescente e a violência institucionalizada: provocou expulsão da terra, mortes, êxodo rural, inchaço urbano com



todas as sequelas¹. Mais uma vez os povos indígenas sofreram, como sofrem ainda hoje, as consequências de uma política de extermínio².

É dentro desse contexto que os grupos protestantes e novos movimentos religiosos se espalham rapidamente por toda a região, arrebanhando ovelhas do redil católico, com uma proposta de religiosidade atraente e sem compromissos, para uma multidão de necessitados, excluídos e desacreditados das soluções de ordem política e econômica, fato que preocupou a Igreja regional.

Alguns acontecimentos eclesiais foram importantes para essa mudança, embora não tocassem diretamente em questões amazônicas, mas influenciaram, pela participação dos bispos locais, uma nova tomada de posição frente à realidade a partir dos trabalhos pastorais: criação da CNBB (1952), criação do CELAM (1955), a realização do Vaticano II (1962-65), encontros de Medellín (1968), e de Puebla (1979), fizeram surgir uma nova configuração de Igreja mais participativa, colegial, mais comprometida com os problemas humanos e com a transformação da sociedade.

I Encontro - Bispos/Prelados:

Em 1952, em Manaus, por ocasião do II Congresso Eucarístico do Amazonas, pela 1ª vez (antes da criação da CNBB), os bispos amazônicos (de 2 dioceses e 39 prelazias) se reúnem para debater esses problemas e organizar sua corresponsabilidade diante deles.

- As questões tratadas: Necessidade de reunir-nos... unir forças – problemas complexos: plano de valorização econômico/saneamento e saúde (malária, tuberculose e mortalidade infantil), educação (ensino técnico – Povos Indígenas - missão reconhecida e amparada, missionários amigos...);
- Migração e colonização (condições, recuperação das terras, povoamento.)...

1 Texto complementar: MATA, Possidônio da. *A Igreja no mundo urbano e o jeito de ser Igreja na Amazônia (apostilado)*. A Igreja e a Questão Urbana: Um dos problemas mais sentidos na Amazônia nos últimos anos é o crescimento da população urbana amazônica. Em 1940, a população urbana representava ¼ da população total. Em 1980, já era mais da metade. Em 2000, constitui 70% da população. Esse fenômeno é verificado não só no inchaço populacional das grandes e médias cidades, mas na multiplicação de novas cidades na região, revelando um movimento migratório interno que está mudando completamente o panorama sociocultural da região, de modo especial o religioso. Em 1960 eram 165 cidades; em 1980 o número passou para 212; em 1991 chegou a 264; em 2000 atingiu o número de 449 cidades: nos últimos 10 anos foram criadas 185 cidades (mais do que havia em 1965!). Questão que precisamos analisar com mais profundidade.

2 Ler: KLÄUTER, Erwin (Bispo-prelado do Xingu). *Os povos da Amazônia e a voz dos seus pastores*. CNBB Norte 2, Belém, 2005.

- 
- 
- Igreja pioneira – formadora e civilizadora – ritmo novo e impulso maior.

Precisa-se de novos missionários... (aculturação e assimilação...)

- Educandários, assistência social, enfermagem...;
- Problemas da terra e das águas – seringalistas e seringueiros – justiça e direitos... transportes fluviais ...
- SONHO – “Cristóforo” – Basílica flutuante... (Dom Macedo Costa preconizava essa ideia no século XIX).
- Apostolado dos leigos – Ação Católica: adaptada à Amazônia... com quatro centros de formação... Grandes problemas sociais, corrupção nas classes média e abastada.
- Rádios no interior, o problema do domingo.

Os bispos afirmaram na ocasião: “Trabalhemos juntos... Se não cairemos na tentação do isolamento”³.

- De 12 a 16 de junho de 1953 – Realização do VI Congresso Eucarístico Nacional, em Belém (PA).
- De 17 a 20 de agosto de 1953, realizou-se a primeira Assembleia Geral da CNBB em Belém (PA). Na ocasião, o encontro reuniu 20 arcebispos do Brasil e ocorreu simultaneamente ao 6º Congresso Eucarístico Nacional, tratando de dois temas: Plano Nacional de Combate ao Espiritismo e a Igreja e a Reforma Agrária.
- O II ENCONTRO DOS PRELADOS DA AMAZÔNIA aconteceu entre 25 e 29 de janeiro de 1954, em Belém, que contou com a presença de Dom Helder Câmara, secretário da CNBB.
- Os temas discutidos foram:
- A situação jurídica e territorial das prelaças: o que significa Prelazia nullius? A resposta encontrada foi: “São dioceses em formação, com características missionárias”.

3 REB, set 52. Vozes, 700s (pareceu ref imprecisa, incompleta...dessa forma não foi possível localizá-la em busca de internet...ver)

- 
- Outro assunto foi o apostolado entre os índios: discutiu-se a proposta de aproximação entre a atividade missionária da Igreja junto aos índios e a colaboração com o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), mas os bispos não aceitaram o cerceamento de suas atividades diante da autoridade do órgão governamental que trazia os índios sob seu controle.
 - O apostolado entre os civilizados (sic): os bispos fizeram um apelo ao apostolado exercido pelos leigos, tendo em vista a escassez do clero, embora ainda não se tivesse claro o papel do leigo na missão. Só mais tarde é que o Concílio definirá esse papel.
 - A questão do avanço do protestantismo na região: para isso os bispos recomendam a realização das Semanas Bíblicas.
 - Formulação de pedido à Santa Sé para a concessão de algumas faculdades ou privilégios para as terras de missão:
 - ✓ a faculdade de celebrar missas vespertinas e a abreviação do ritual do Batismo nas “desobrigas”.
 - Outra questão grave tratada foi o problema financeiro: os bispos declaram a insustentabilidade financeira das prelaças.
 - O relacionamento da Igreja com o governo, especialmente com a SPVEA. Este tema não foi muito aprofundado porque o órgão governamental era ainda muito recente.
 - O III ENCONTRO DOS PRELADOS DA AMAZÔNIA realizou-se entre 5 e 8 de novembro de 1957, em Belém, com o objetivo de concretizar a colaboração entre as prelaças e a SPVEA. Com a presença do Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi, e do então Presidente da República Juscelino Kubitschek, foram assinados decretos e convênios entre essas instituições. Temas intereclesiais também foram tratados, pois entrou em debate também a imensidão das tarefas para tão poucos recursos humanos e materiais.

Para isso:

Pedir à Santa Sé o desdobramento das prelaças, a motorização das prelaças, a criação da radiodifusão para cobrir toda a Amazônia, a fim de proporcionar a educação de base e a formação cristã, a formação do clero indígena, ‘para



que quanto antes, os filhos da Amazônia respondam pelos destinos espirituais da Amazônia’.

O documento é concluído com pedidos de oração, ante uma realidade que desafia:

...a integração da Amazônia ao Brasil e da relação deste país como grande potência material e espiritual, faltando o principal – orvalho de bênçãos divinas que nos virão através das mãos boníssimas de Nossa Senhora da Amazônia (sic ver nota).

- O IV ENCONTRO DOS PRELADOS DA AMAZÔNIA foi realizado em Belém, em fins de agosto de 1964. Os bispos, a caminho da terceira sessão do Concílio Vaticano II⁴, reuniram-se para discutir o *Plano de Emergência* da CNBB, de 1962, que havia criado o Secretariado Regional para toda a Região Norte, com sede em Belém. Abordando a situação das prelazias, os bispos concluíram apontando a necessidade urgente de uma ação pastoral vinculada à CNBB, porém com características amazônicas. Por isso decidiram propor à Assembleia da CNBB que se reuniria em Roma, o pedido de criação de um Secretariado Nacional para as Prelazias (SNAP) e o desmembramento do Regional Norte em dois secretariados, o Norte I, com sede em Manaus, e o Norte II, com sede em Belém, visando favorecer uma maior vinculação à CNBB adaptada às características da Amazônia.

Os dois Regionais, o Norte I, em outubro de 1967, em Manaus, e o Norte II, em novembro de 1967, em Macapá, realizaram encontros para definir seu papel diante da CODEAMA e da SUDAM, criada recentemente pelo governo militar em substituição à SPVEA:

- Perguntavam: *Qual o papel que lhes cabia nesse longo e doloroso processo?*
- Lançou-se o desafio: *A evangelização da Amazônia é um problema inadiável!*

4 O Concílio Vaticano II (1962-65) e as encíclicas sociais (MT, PT e PP) provocaram um impulso renovador nos bispos. Novos encontros dos bispos marcam a preocupação da Igreja com a realidade amazônica, que aos poucos vai se tornando complexa. A chamada “Era Amazônica”, concepção cantada e decantada em verso e prosa a partir do lançamento da “Operação Amazônia”, em maio de 1966, falava da *mística do desenvolvimento e da integração*, começava a se tornar algo complexo e a expor seus mais claros sinais de contradição.

Na Assembleia do Regional Norte II de 1966, os bispos expressaram sua profunda comoção “ante a situação de insalubridade em que vivem muitas de nossas populações do interior e dos subúrbios” e exortavam a todos para uma “atitude de responsabilidade e participação”. Solicitavam a ajuda de “juristas católicos para impedir que os pobres posseiros fossem esbulhados das terras que vêm cultivando e que poderosas companhias provenientes de outras regiões, pela pressão econômica ou pelo prestígio, não respeitam os direitos adquiridos pelos primitivos moradores”.



Os documentos dos bispos dos Regionais foram contundentes em dizer que os bispos tomam consciência da marginalização da Amazônia no processo do desenvolvimento brasileiro, e querem assumir uma posição que revele as preocupações da Igreja universal, ou seja, uma postura pastoral que promova o homem e a região, a partir das exigências da Carta Encíclica *Populorum Progressio* (de Paulo VI - recém-lançada). Lamentam os bispos que a educação seja deficiente, que não haja uma política definida de colonização, o que existe explora os colonos pela intervenção de aventureiros, e a falta de uma política de preços para os produtos agrícolas que não espolie os pequenos agricultores.

Muito contribuiu para uma nova postura dos bispos diante da realidade amazônica a realização da Conferência de Medellín (1968). Alguns bispos participaram e ao voltar vão mudar sua visão da realidade, as relações com o Estado e assumir uma postura mais profética.

Em 1968, num “Memorial dos Bispos e Prelados da Amazônia ao Governo Federal e ao povo amazônico”, os bispos descrevem: Problemas sociais da Pan-Amazônia: índios, analfabetismo, moléstias tropicais, minérios, petróleo, integração econômica, grandes estradas, o atraso da Amazônia brasileira... extrativismo, má distribuição de renda entre os grupos sociais, problema alimentar, problemas sanitários e de saúde pública, habitação e moradia, subemprego, desemprego, isolamento, debilidade política... A ação estrangeira, aquisição de terras, extração de minérios, Zona Franca de Manaus, desconfiança em relação ao capital estrangeiro....

Enquanto isso, o Poder Público concretizava um projeto de integração/ocupação da Amazônia: Operação Amazônia - ‘Integrar para não entregar’: grandes estradas, Sudam, bancos, comunicações... Governo retira os 3% da renda da União destinados à Amazônia. Promove a suspensão do convênio com o MEB (Movimento de Educação de Base) – 920 escolas radiofônicas são fechadas. Restrição à liberdade de associação, sindicatos... O problema da posse e propriedade da terra – latifúndio, grilagem...

Os bispos se dizem “abertos ao diálogo franco”, e que “... a Amazônia brasileira é como se fosse uma porção de terras expostas ao mundo, sem defesa... Daí a urgência de um trabalho para salvar a Amazônia...”.

Proclamam que “[...] se a Amazônia é um desafio, nós o aceitamos”.

Em 1971 (julho) foi realizado o PRIMEIRO SEMINÁRIO SOBRE A PASTORAL DA AMAZÔNIA, promovido pela CNBB, na casa Nossa Senhora da Paz, no Rio de Janeiro. Oito prelados amazônicos participaram. Os temas tratados foram:

- 
- O visível crescimento dos problemas na Amazônia devido à realização do Plano de Integração Nacional, com a construção das estradas e suas consequências;
 - A coordenação dos organismos das pastorais que atuam na região;
 - A carência dos agentes de pastoral;
 - A elaboração de um Plano de Pastoral articulado, chamando a atenção para a corresponsabilidade de toda a Igreja;
 - A urgente necessidade de formação para os leigos: Operação Anchieta – preparar leigos/as para atuar entre indígenas e classes marginalizadas.

Este seminário preparou o Encontro de Santarém.

Em outubro de 1971: Mensagem do Papa Paulo VI à Amazônia⁵

- ... O senhor nos quer dar a conhecer (Lc 2,15). E Maria, agradecida, recomenda-nos maternalmente: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). E O QUE NOS DIZ O SENHOR HOJE? ELE, APONTA-NOS A AMAZÔNIA! ... Cristo, aí presente, em nova “humanidade”, pobre e marginal...
- Membros da Igreja, sensíveis aos imperativos da caridade... fiéis ao dever missionário... temos de ouvir um clamor da multidão, que sobe das plagas amazônicas: “vem em nosso auxílio”. Vem como homem-irmão, com caridade efetiva ...
- Urge voltar um grande interesse missionário e de solidariedade em Cristo à imensa Amazônia.

Ainda em outubro de 1971 Dom Pedro Casaldáliga publica a carta pastoral: Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social⁶, o que significou a tomada de posição da Igreja diante da realidade amazônica.

Em janeiro de 1972: visita da presidência da CNBB (Dom Aloisio Lorscheider, Dom Avelar Vilela, Dom Ivo Lorscheiter) à região: Belém, Marabá, Belo Monte, Altamira, Transamazônica, Santarém e Manaus. Na visita

5 SEDOC, fev 72/954

6 SEDOC, fev 72/956



constatou-se: programas e projetos governamentais, migração, questão dos índios, poucos agentes de pastoral.

Em 1972 surgiu o projeto “Igrejas-Irmãs”, que visava sensibilizar as dioceses do Brasil sobre as carências da Igreja no Norte do Brasil, sobretudo a falta de sacerdotes para cobrir todas as necessidades e demandas pastorais. O projeto visava, por conseguinte, despertar a solidariedade e ajuda por meio de recursos humanos e materiais, o que significou a vinda de muitos missionários e missionárias de outras regiões do Brasil, sobretudo para as áreas das novas fronteiras agrícolas e populacionais.

Em maio de 1972 – Criação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), a serviço das missões indígenas.

Em maio de 1972 - V ENCONTRO DOS BISPOS/PRELADOS, em Santarém - um dos encontros mais significativos à época para a Igreja amazônica, que projetou um Plano de Pastoral de grande repercussão na região: Os bispos estabeleceram as LINHAS PRIORITÁRIAS DA PASTORAL DA AMAZÔNIA⁷.

A Igreja da Amazônia... Manifesta sua crença e esperança no futuro desta região, hoje em trepidante processo de transformação...com as antigas e novas marginalizações, estruturas inadequadas, importadas ou opressivas...violação dos direitos básicos, como a posse da terra... .

- Foram destacadas duas diretrizes: Encarnação na realidade e Evangelização Libertadora;
- E estabelecidas quatro prioridades pastorais: Formação de Agentes de Pastoral, Comunidades Cristãs de Base, Pastoral Indígena, Estradas e outras frentes pioneiras;
- Os bispos propõem a criação de Serviços, Institutos de Formação para Agentes de Pastoral formados na Região: CENESCH (N1) e IPAR (N2), além de assessoria jurídica e técnica e meios de comunicação...

Esse encontro foi um marco histórico da caminhada da Igreja na região amazônica, que deu à luz um significativo documento, e se tornou, como disse um bispo na ocasião, a certidão de batismo da Igreja na Amazônia, dado que a partir desse momento, mudanças substanciais e fundamentais

⁷ CNBB. *Desafio Missionário*: Documentos da Igreja na Amazônia (coletânea). Brasília: Edições CNBB, 2014. Este livro contém documentos desde a Assembleia de Santarém até 2013.



começaram a acontecer na missão evangelizadora da Igreja, e que teriam um longo alcance. Poderíamos dizer que a partir daí temos uma eclesiologia tipicamente amazônica: UMA IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO!

Em 1974, de 15 a 22 de maio, os bispos da Amazônia se reuniram em Manaus para o VI ENCONTRO INTER-REGIONAL, com a finalidade de avaliar e, se necessário, reformular as Diretrizes Básicas da Pastoral da Amazônia, adotadas em Santarém, o que de fato aconteceu, com o acréscimo de uma nova prioridade, a Juventude.

Parte da Igreja passou a solidarizar-se com os mais pobres e oprimidos: indígenas, posseiros, sem-terra, migrantes, desempregados, etc., rompendo os vínculos históricos tradicionais; por isso, como no resto do Brasil e da América Latina, ela sofreu as retaliações dos poderosos: prisões, ameaças de morte, assassinatos... passaram a fazer parte da vida da Igreja regional. A Igreja da Amazônia passa pela experiência do martírio.

Entre 16 e 20 de julho de 1975: realização do IX Congresso Eucarístico Nacional, em Manaus, com o tema: O AMOR EXIGE PRESENÇA, e o lema: REPARTIR o PÃO. Marcos do Congresso: a simplicidade (o altar, o ostensório), a V Oração Eucarística, estabelecendo diálogo entre o presidente e a assembleia. Eucaristia e questões sociais: pobreza, fome, migração, cultura.

Em 1975 foi criada a CPT (Comissão Pastoral da Terra): nasceu por causa da violência sofrida pelos posseiros devido aos conflitos pela posse da terra e pelo avanço dos grandes projetos agropecuários e latifúndios.

Primeiro Encontro Pan-Amazônico de Pastoral Indigenista em Manaus:

- Objetivos fundamentais da Pastoral Indigenista na Amazônia;
- Prioridade imediata: apoiar decidida e eficazmente os direitos que têm os povos indígenas a assegurar ou recuperar a prioridade de seus territórios...

Em 1980 (julho) – Visita do Papa João Paulo II à Amazônia (Belém e Manaus) – Destaca-se o Encontro com os Povos Indígenas da Amazônia. Disse o Papa na ocasião: *Confio aos poderes públicos e outros responsáveis... que a vocês cujos antepassados foram os primeiros habitantes desta terra... seja reconhecido o direito de habitá-la em paz e na serenidade, sem verdadeiro pesadelo de serem desalojados em benefício de outrem..., mas do espaço vital que será a base não somente da sobrevivência, mas da preservação de sua identidade como grupo humano, como povo (Manaus, julho/1980).*



Em fevereiro de 1990, houve um novo Encontro de Bispos e Coordenadores de Pastoral dos Regionais Norte I e Norte II, em Icoaraci, Belém – OVII ENCONTRO INTER-REGIONAL - refletindo a partir de dois temas-eixos: a ECOLOGIA e a IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO. Desse Encontro resultou um documento: Em defesa da Vida na Amazônia, e a proposta de um Manifesto Ecológico, que foi realizado em Assis, nos dias 23 e 24 de maio de 1990, chamado o “Grito da Igreja em defesa da vida na Amazônia”.

Nós, bispos e coordenadores de pastoral... partilhamos uma preocupação que nos atinge a todos: a Destruição do meio ambiente na Amazônia... Devastação e depredação alcançaram dimensões alarmantes. Milhares de quilômetros de mata virgem foram queimados e transformados em pastagens... Milhões de árvores tombaram... Centenas de mineradoras lotearam a Amazônia – 300 mil garimpeiros correram na busca do metal precioso... Povos inteiros... como os Yanomami, assaltados em suas terras e vitimados pela doença e etnocídio... Projetos faraônicos de construção de barragens e hidrelétricas... Na falta de uma reforma agrária, o latifúndio é favorecido ... Adorar o Pai “em espírito e verdade” (Jo 4,23) também é engajar-se para que a obra do Criador seja respeitada em sua grandeza, beleza e harmonia. “Praticar a verdadeira religião” (Tg 1,27) é solidarizar-se com os últimos, é hoje assumir a defesa do meio ambiente e comprometer-se com a defesa da vida e viver o Plano do Pai.

Em 1991, João Paulo II voltou ao Brasil, e em Cuiabá, no encontro com mais de 37 Povos Indígenas, volta ao tema da demora nas demarcações de suas terras, e dá grande enfoque ao tema da ecologia na Amazônia.

Em 1992, na Conferência do CELAM, em Santo Domingo, estavam presentes os bispos da Amazônia: Dom Antônio Possamai, Dom Luiz Soares Vieira, Dom Moacyr Grechi, Dom Alberto Ramos e Dom Alano Pena.

Em 1994 - Os Regionais Sul 1 e Norte 1 selam um projeto de entreatajuda e cooperação missionária.

Em setembro de 1997, em Manaus, celebrando os 25 anos do Encontro de Santarém, realizou-se o VIII ENCONTRO DAS IGREJAS DA AMAZÔNIA, com o tema: A Igreja se fez carne e arma sua tenda na Amazônia. Antevendo o III milênio, cujo sol já nos ilumina, cheio de esperança.

- *O Seminário sobre a Amazônia que antecedeu o encontro, revelou-nos antigos e novos desafios, que atingem a vida do povo... buscamos um caminho que dê resposta a estes desafios...*
- *Grande análise sobre a Amazônia: os últimos 25 anos, geopolítica*



brasileira e internacional, migração, desenvolvimento sustentável, Zona Franca, 3º ciclo, SIPAM /SIVAM, dívidas sociais, urbanização, conflitos agrários, perspectivas para a Amazônia....

- Ao apresentar o livro do seminário⁸, Dom Antônio Possamai e Dom José Vieira da Costa Lima, respectivamente presidentes dos Regionais Norte I e Norte II, proclamaram: *E porque progredimos na compreensão de sermos uma Igreja no mundo, amando o mundo amazônico, temos a certeza que estamos dando à sociedade amazônica nossa contribuição histórica de alta qualidade para o resgate das dívidas sociais tão pesadas neste Norte do Brasil... Em nossas prela-zias e dioceses existem sinais de alegria e esperança, próprias de uma Igreja que, mesmo tendo muitas dificuldades, está viva e responde com coragem aos desafios que se lhe apresentam.*

A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia ... O documento que escrevemos e assumimos. Ele nos indica caminhos de fidelidade ao Criador, ao homem e à mulher amazônica ... e a lutar pela evangelização desta terra, defesa e proteção da criação... Para construir uma Igreja inculturada e viva na Amazônia...

Documento:

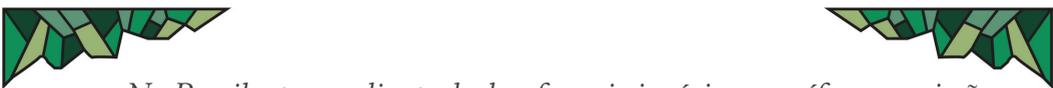
- I. Memória: De Santarém a Manaus – a Igreja busca a comunhão, pede perdão, louva e agradece a Deus.
- II. Rosto Amazônico da nossa Igreja – Atitudes fundamentais: Igreja discípula da Palavra, testemunha do diálogo, servidora e defensora da vida e irmã da criação.
- III. Perspectivas evangelizadoras - a inculturação, a cidadania, a formação e anúncio central da boa nova.

Creemos numa Amazônia justa, solidária, fraterna, geradora da vida ...

✓ **ALGUNS DESDOBRAMENTOS POSTERIORES: A Igreja e a questão amazônica:**

- Em 1998, na Assembleia da CNBB em Itaiaci, SP, foi tratado o tema “Missionariedade e Solidariedade” entre as Igrejas no Brasil. Dom Erwin Kräutler, com forte apelo, relançou o tema da Igreja na Amazônia.

8 OLIVEIRA, J. Aldemir; GUIDOTTI, Humberto (orgs.). *A Igreja arma sua tenda na Amazônia*, Manaus: EDUA, 2000.

- 
- *No Brasil estamos diante de desafios missionários específicos, a missão é uma só, mas na pluralidade das culturas... A solidariedade entre os irmãos bispos...deve tornar o sinal que é a igreja que evangeliza.*
 - *Amazônia continua TERRA de MISSÃO, povo ávido de evangelização, faminto do pão eucarístico, sedento da palavra. Nós não estamos mais em condições de saciar a fome e a sede de todos! ... As prelazias e dioceses da Amazônia vastíssimas... A Amazônia exige de bispos, padres, religiosas, de todos os agentes de pastorais um empenho fático e penoso... Os senhores hão de compreender o quanto nos aperta o coração ver o nosso povo sem o memorial da Páscoa... Só nos resta repetir: dai-nos de vossa pobreza! A Amazônia representa a realidade mais gritante em situação missionária.*
 - *Proposta concreta: Reler o corajoso projeto Igrejas-Irmãs e revitalizá-lo!*
 - *Em 1999, em Itaiçá, durante a 37ª Assembleia da CNBB, os bispos da Amazônia lançaram um apelo dramático a toda a Igreja do Brasil e publicaram uma mensagem ao povo de Deus e ao Brasil: "A IGREJA E A QUESTÃO DA AMAZÔNIA": A Amazônia não pode ser esquecida, marginalizada e excluídas dos planos, dos projetos e do coração de todos. A Amazônia também é Brasil! A Amazônia também é Igreja no Brasil!*
 - *A declaração destacou entre outras questões:*
 - ✓ *A Amazônia sempre foi olhada, pensada e explorada a partir de interesses externos à região, e contra a vida dos amazônidas.*
 - ✓ *A exploração realizada ignora a existência dos povos da Amazônia, polui os rios, destrói a mata, (seringais e castanheiras), afugenta e subjuga os povos da região.*
 - ✓ *Os bispos denunciam a ilegalidade da exploração da madeira, o crescimento do latifúndio, a erradicação de espécies como a seringueira, a castanheira e o açaí.*
 - ✓ *Alertam para a privatização das águas e a dilapidação da riqueza mineral, chamando atenção para a biopirataria.*
 - ✓ *Destacam o papel de quase omissão do governo federal.*



- ✓ *Apelam para a construção de um governo justo com a participação da população por meio de suas organizações.*

- ✓ *Pedem apoio às iniciativas dos próprios povos da floresta em vista de sua sustentabilidade.*

- Neste documento aparece pela primeira vez a questão da água, como fonte de vida e riqueza que está sendo ameaçada.

- Em 2002, a Campanha da Fraternidade sobre os Povos Indígenas lança um novo olhar das Igrejas do Brasil sobre a Amazônia, sua pluralidade de povos e culturas. Prelazias e dioceses são apoiadas na ação pastoral e as comunidades católicas do país redescobrem a beleza e o bem que vêm dos Povos Indígenas.

- Neste mesmo ano é criado o Regional Noroeste, sendo assim dividido o Regional Norte 1; a sede foi estabelecida em Porto Velho - RO.

- Em 2003 foi criada a COMISSÃO EPISCOPAL ESPECIAL PARA A AMAZÔNIA: os apelos dos bispos da região sensibilizaram a presidência da CNBB nacional que, depois de visitar a região, criou uma Comissão Episcopal para a Amazônia⁹. Entre as suas realizações concretas cabe destacar:

- ✓ Celebração do Mutirão pela Amazônia, realizado em Brasília, em 2005, com a presença de representantes de todos os Regionais do Brasil¹⁰.

- ✓ Revitalização do Projeto Igrejas-Irmãs, envolvendo os Regionais e a CRB.

- ✓ Escolha do tema da Campanha da Fraternidade de 2007 sobre a Amazônia: VIDA E MISSÃO NESTE CHÃO¹¹.

- ✓ 2002: Criação do Regional Noroeste, com sede em Porto Velho.

9 Destaque-se a figura de Dom Jaime Chemello, que visitou a região na condição de presidente da CNBB. Depois se tornou o 1º presidente da CEA/CNBB.

10 Do mutirão resultou o livro: MATA, Possidônio da; TADA, Cecília (orgs.). *Amazônia, desafios e perspectivas para a missão*. São Paulo: Paulinas, 2005. Para os 50 anos de Santarém seria interessante reler alguns artigos deste livro, de modo especial os artigos dos Padres Zenildo e Luiz Pinto. Anteciparam em alguns anos as preocupações que viriam depois aflorar no Sínodo da Pan-Amazônia.

11 Texto-Base da Campanha da Fraternidade 2007: Vida e Missão neste chão, CNBB 2007.



Em outubro de 2004 foi realizado o ENCONTRO DOS BISPOS DA AMAZÔNIA CONTINENTAL, promovido pelo CELAM, em Manaus. Em uma carta os bispos declararam: ...*A Amazônia é o maior conjunto de ecossistemas úmidos do planeta, mega diversidade que existe nestes bosques e rios, 400 povos indígenas, ribeirinhos, caboclos, agricultores, colonos...*

- ✓ É preciso novos caminhos para uma pastoral complexa e unitária e em rede... Pedimos ao CELAM um serviço dedicado a comunhão das Igrejas amazônicas... Sentimos a necessidade de nos unir, de realizar uma ação evangelizadora mais integrada... Que a V Conferência do CELAM inclua a Amazônia como uma das temáticas...
- ✓ Em setembro de 2007, logo após a Assembleia de Aparecida¹², foi realizado, em Manaus, o IX ENCONTRO DE BISPOS DA AMAZÔNIA. Deste encontro resultou um significativo documento intitulado DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS NA AMAZÔNIA.
- ✓ *...Dias maravilhosos, nos debruçamos sobre as alegrias e as tristezas, as derrotas e vitórias, as esperanças e desesperanças dos povos que habitam os espaços da Amazônia e que ocupam nossas mentes e corações. O Documento de Aparecida ajudou-nos a melhor entender os desafios atuais da Evangelização, num mundo globalizado e urbano. Para ser autêntica a Evangelização deve insistir no anúncio da pessoa de Jesus e ao mesmo tempo na promoção humana. Nossa missão tem dois movimentos: ir até as mais distantes aldeias e povoados, e convocar os que estão nos últimos lugares para formar comunidades...*
- ✓ O Documento destaca aspectos da caminhada da Igreja e propõe ações concretas no enfrentamento dos problemas: 1) A Amazônia hoje; 2) Amazônia e meio ambiente; 3) A Igreja na Amazônia e os povos indígenas, os quilombolas e os ribeirinhos; 4) A Igreja na Amazônia e seu relacionamento com o Estado; 5) A Igreja na Amazônia, suas estruturas e sua missão; e 6) A Igreja na Amazônia e as Igrejas-Irmãs.
- ✓ Em julho de 2012, foi realizado em Santarém, mais um encontro dos pastores da Igreja na Amazônia para fazer memória e celebrar os 40 anos da Assembleia de Santarém (e do célebre docu-

12 APARECIDA propõe um projeto de coordenação pan-amazônico: *Estabelecer entre as Igrejas locais de diversos países sul-americanos, que estão na bacia amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum.*



mento). Contou com a presença do Cardeal Cláudio Hummes, presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia, e Dom Leonardo Steiner, secretário-geral da CNBB, bispos de outros Regionais da Amazônia Legal e representantes de diversas entidades que apoiam a Igreja na região. Fruto desse encontro foi uma Carta ao Povo de Deus na Amazônia com uma mensagem dos bispos e as conclusões e principais decisões da Assembleia, intitulado IGREJA NA AMAZÔNIA: MEMÓRIA E COMPROMISSO. ...*Reunidos para celebrar os 40 anos do Documento de Santarém, cuja contribuição foi decisiva para pôr em prática o Vaticano II e Medellín... Lembramos os 60 anos do I Encontro dos Prelados em 1952 e os 50 anos do Concílio Vaticano II. Apesar das mudanças... muitos desafios perduram, outros se agravaram e novos afloraram. Nestes 40 anos, com fragilidades nossa Igreja tem anunciado Jesus Cristo, ela tem marcado presença junto ao povo sofrido, sendo voz dos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, seringueiros e migrantes, nas periferias e centros urbanos... animando as comunidades... A vida destes povos, seu viver, simplicidade, protagonismo e fé nos encantam! Não faltou o testemunho, a entrega da vida até o derramamento de sangue...*

- ✓ Motivados pelas palavras do Papa Francisco na mensagem dirigida aos bispos durante a Jornada Mundial da Juventude (JMJ)¹³, a CEA convocou os bispos da Amazônia Legal e representantes das dioceses/prelacias de toda a Amazônia Legal (N1, N2, NO, NE5 e O2) para o I Encontro DA IGREJA CATÓLICA DA AMAZÔNIA LEGAL, que foi realizado em Manaus (28 a 31 de outubro de 2013), e contou com a participação de cerca de 60 bispos. Destaque-se a criação do Regional Norte 3, como expressão da integração das Igrejas da Região da Amazônia Legal. Algumas declarações do Encontro: *Ao longo de seis décadas... a Igreja tem demonstrado sua vitalidade e posicionamento profético e solidário... Queremos formar uma ampla rede integradora de nossas ações pastorais e evangelizadoras e convocar os irmãos e irmãs a empenharem-se em favor de um mundo justo, fraterno e solidário... doloroso problema das comunidades sem celebração do Memorial da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor: valorizar o trabalho dos leigos e leigas, considerado “instituível”; constituir o Ministério do Pastoreio de comunidades, investir na formação de presbíteros de acordo com a*

13 “Teste decisivo, banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileiras... A Igreja está na Amazônia, não como aqueles que têm as malas na mão para partir, depois de terem explorado tudo o que puderam. Desde o início a Igreja está presente na Amazônia com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos e lá continua presente e determinante no futuro daquela área” (Papa Francisco - 27 de julho de 2013).



realidade amazônica e investir nos meios de comunicação, nos jovens, e no combate ao tráfico da pessoa humana.

- ✓ Em setembro de 2014 foi criada a REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA (REPAM), visando assentar as bases de uma rede em toda a região a partir do diálogo, articulação e construção de consensos sobre a missão eclesial na Amazônia. O encontro foi realizado em Brasília, e contou com a participação das Igrejas que compõem a Pan-Amazônia, com apoio do CELAM, CNBB, CLAR, Cáritas. A REPAM nasce como: 1. Confluência da Igreja em nove países: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana Inglesa, Guiana Francesa e Suriname; 2. Serviço de Comunicação e Integração; 3. Ação Conjunta e Eficaz; 4. Lugar de Encontro, Comunhão e Vida Plena.
- ✓ Missão da REPAM: potencializar de maneira articulada, a ação que a Igreja realiza no território pan-amazônico, atualizando e concretizando opções apostólicas conjuntas, integrais e multiescolares no quadro da doutrina e das orientações da Igreja.

O Papa Francisco publicou a Carta Encíclica *Laudato Si'* - Sobre o cuidado com a Casa Comum, em 24 de maio de 2015. *O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral (LS, n. 13)*. O documento ensejou que fossem realizados os seminários *Laudato Si'* em todos os Regionais da CNBB na Amazônia, e um seminário geral.

No mês de agosto de 2016, entre as celebrações dos 400 anos de evangelização na Amazônia, foi realizado, na Arquidiocese de Belém, o XVII CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, com o tema “Eucaristia e partilha na Amazônia missionária”, e o lema: “Eles o reconheceram ao partir o pão”.

No período de 14 a 18 de novembro de 2016, em Belém (Icoaraci), bispos, padres, diáconos, religiosos, religiosas, assessores e lideranças pastorais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dos Regionais Norte 1 (Norte do Amazonas e Roraima), Norte 2 (Pará e Amapá), Norte 3 (Tocantins), Nordeste 5 (Maranhão), Oeste 2 (Mato Grosso) e Noroeste (Acre, sul do Amazonas e Rondônia), se reuniram para o II ENCONTRO DA IGREJA CATÓLICA NA AMAZÔNIA LEGAL E O ENCONTRO DAS IGREJAS-IRMÃS. A assembleia definiu as prioridades para nortear os compromissos da Igreja na Amazônia: Atenção e incentivo à demarcação e proteção de terras indígenas, quilombolas e a defesa de seus direitos;



formação de ministros e ministras instituídos para o pastoreio em cada comunidade; Escola de Fé, Política e Ecologia para a formação de lideranças, a partir de uma espiritualidade encarnada e da ecologia integral e, por fim, relançar o programa Comunidade de Comunidades Missionárias.

ENCONTRO DAS IGREJAS-IRMÃS DA CNBB. O projeto Igrejas-Irmãs, nascido em 1972, propõe a ‘adoção’ de dioceses mais carentes, especialmente com o envio de missionários e ajuda financeira. Este intercâmbio de experiência de vida cristã torna-se uma ajuda fundamental para que o povo da Amazônia seja melhor assistido e evangelizado pela Igreja. É o que sugere o Projeto.

SÍNODO PARA A AMAZÔNIA: Conforme o anúncio do Papa Francisco, no dia 15 de outubro de 2017 é convocada a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para refletir sobre o tema: *Amazônia, Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, a realizar-se em outubro de 2019. O principal objetivo deste Sínodo é *encontrar novos caminhos para a evangelização deste povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também devido à crise da Floresta Amazônica, pulmão de importância capital para nosso planeta.*

À REPAM foi confiado formalmente o apoio à Secretaria do Sínodo e ao Conselho Prê-Sinodal, presidido pelo Papa Francisco, no processo de escuta ativa e direta em toda a extensão do território pan-amazônico.

Entre os dias 21 e 23 de agosto de 2018 foi realizado, em Manaus, o III ENCONTRO DA IGREJA CATÓLICA DA AMAZÔNIA LEGAL, que contou com a participação de 58 bispos de todos os Regionais. O assunto central foi o Sínodo Extraordinário para a Amazônia, convocado pelo Papa Francisco tendo como tema: *Amazônia – novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral. Seguimos os rumos traçados pelo processo sinodal na firme esperança de que o Espírito que conduz a Igreja nos animará e sustentará em nossa caminhada nesta Amazônia...*

O SÍNODO PARA A AMAZÔNIA foi realizado em outubro de 2019, no Vaticano, em Roma, uma grande assembleia da qual participaram todos os bispos da Pan-Amazônia, além dos membros da Cúria Romana e convidados. Mas contou também com a participação de inúmeras pessoas que representaram os mais diversos segmentos da sociedade, e de modo especial da Região Amazônica, e que proporcionaram um dos mais ricos e expressivos momentos da vida da Igreja Católica que teve repercussão em todo o mundo.



Em fevereiro de 2020, o Papa Francisco publicou a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia: Desejo apenas oferecer um breve quadro de reflexão que encarne a realidade amazônica e uma síntese de algumas grandes preocupações já manifestadas por mim em documentos anteriores... Quero de modo oficial apresentar o citado Documento, que nos oferece as conclusões do Sínodo e no qual colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor do que o Papa e do que a Cúria Romana a problemática da Amazônia, porque são pessoas que nela vivem, por ela sofrem e que a amam apaixonadamente.*

COMUNICADO OFICIAL DA ASSEMBLEIA DO PROJETO DE CONSTITUIÇÃO DA CONFERÊNCIA ECLESIAL DA AMAZÔNIA (CEAMA) - 29 de junho de 2020, na solenidade de São Pedro e São Paulo:

A proposta dos Padres sinodais de ‘criar um organismo episcopal que promova a sinodalidade entre as Igrejas da região, que ajude a delinear o rosto amazônico desta Igreja e que continue a tarefa de encontrar novos caminhos para a missão evangelizadora’ (DF, n. 115), e o pedido do Papa Francisco, unido a seus quatro sonhos para este território e para toda a Igreja, em sua Exortação Pós-sinodal Querida Amazônia, ‘que os pastores, os consagrados, as consagradas e os fiéis leigos da Amazônia se empenhem na sua aplicação’ (QA, n. 4), encontrou uma resposta na Assembleia do Projeto de Constituição da Conferência Eclesial da Amazônia, realizada virtualmente nos dias 26 a 29 de junho de 2020.

Esta Assembleia... continua o caminho sinodal para abrir novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral na região Pan-Amazônica.



VER AO REDOR: ANÁLISE DE CONJUNTURA

Ecologia¹⁴

A Amazônia é coberta pela maior floresta tropical do mundo e contém mais da metade da biodiversidade do Planeta. Desempenha um papel vital na disponibilidade de água para consumo humano por meio de “rios voadores”, capacidade de retenção de água, e evapotranspiração. Representa, ainda, uma área potencial para o sumidouro de carbono, com relevância à escala regional e global.

Os principais motores de mudança identificados para esta região são a alteração do uso da terra e as alterações climáticas. O primeiro relaciona-se com o desmatamento e degradação, por meio da produção agrícola em larga escala e seu escoamento por meio das infraestruturas de grandes rodovias e portos, seguindo-se a indústria madeireira (quase toda ilegal!), com as grandes derrubadas e queimadas, a pecuária extensiva, e os garimpos poluindo rios, fontes e nascentes, em sua maioria também ilegais. O segundo motor é a mudança climática, que envolve a possibilidade de secas e a morte progressiva da floresta. O desmatamento vem crescendo nos últimos anos, após um período

14 Ima Vieira. Pesquisadora do Museu Emilio Goeldi-MPEG e assessora da REPAM-Brasil



de dez anos de estabilidade, tendo atingido 13.235 km² de destruição florestal em 2021, e mais recentemente, vem se estendendo para áreas intactas de floresta localizadas no sul do Amazonas. O relatório do IPCC, lançado em 28 de fevereiro de 2022, mostra que os impactos da mudança climática estão ficando cada vez mais complexos e difíceis de administrar, destacando que na Amazônia, em que a mudança do clima se soma ao desmatamento e às queimadas, produzirá perdas severas e irreversíveis de serviços ecossistêmicos e biodiversidade com 2° C de aquecimento.

É muito claro que a agropecuária é a principal atividade que tem modificado a região e causado muitos danos socioambientais. A agropecuária está diretamente relacionada ao aumento do desmatamento e das queimadas na Amazônia; agudizam-se as desigualdades sociais em razão do modelo de monocultura adotado e a alta concentração de terras, além do baixo nível de empregabilidade, e dos estimulantes benefícios jurídicos, como a isenção fiscal; integra a maior parte da lista suja de trabalho análogo à escravidão; está envolvida no cometimento de assassinatos de lideranças indígenas, defensores dos direitos humanos e de ativistas ambientais; além disso, produz inúmeros danos à saúde, em decorrência do uso de agrotóxicos e da adoção de transgênicos na monocultura.

A extensão dos territórios indígenas e áreas protegidas representa quase 45% da Amazônia e podem ser as últimas reservas de florestas e biodiversidade (e os benefícios que os acompanham). Quanto aos agricultores familiares, sabe-se que a Região Norte é a que apresenta a maior participação da agricultura familiar do país, mas com um cenário de cortes nos investimentos estatais e o avanço do agronegócio, a tendência é que as políticas direcionadas à produção de alimentos por esse grupo de produtores se tornem ainda mais escassas. As consequências da destruição desses territórios de vida, entre outros, são o aumento da grilagem facilitada pelos agentes do próprio Estado/governo, a intensificação da fome, o recrudescimento da violência no campo, acompanhada por outras violações de direitos.

Povos Indígenas¹⁵

O *Instrumentum Laboris*, documento preparatório do Sínodo para a Amazônia, é fruto de um inédito processo de escuta de seu povo. Nele já se denunciava *a violação sistemática dos direitos humanos elementares da população amazônica, de modo especial, a violação dos direitos dos povos originários (LS, n. 14)*.

Passados três anos, a violação desses direitos se agravou. Nenhuma terra indígena foi homologada. As demarcações deveriam ter sido concluídas

15 Felício Pontes. Procurador do Ministério Público -MPF e assessor da REPAM – Brasil



no prazo de cinco anos, contados da promulgação da Constituição de 1988 (ADCT, art. 67). Na Amazônia Legal, são 93 Terras Indígenas sem processo de demarcação concluído.

Além de não demarcar, a União editou atos administrativos com o objetivo de “revisar” demarcações em curso; não incluir terras indígenas não homologadas nos sistemas de identificação de terras públicas; não fornecer serviços públicos a comunidades cujas terras não estivessem homologadas; mudar o critério da autoidentificação para heteroidentificação de povos indígenas; e retirar a proteção territorial de terras indígenas não homologadas.

Todas essas medidas governamentais enfrentaram ações judiciais que impediram sua concretização, sobretudo no Supremo Tribunal Federal. Porém, não impediram o aumento do desmatamento nesses territórios, ainda que em pleno período pandêmico. A TI Apyterewa (PA) foi a líder do ranking em 2021:

TI	ESTADO	DESMATAMENTO (ha)
TI Apyterewa	PA	6.771,21
TI Trincheira/Bacajá	PA	3.552,79
TI Kayapó	PA	2.573,96
TI Cachoeira Seca	PA	2.345,38
TI Munduruku	PA	2.212,30
TI Piripkura	MT	2.151,98
TI Sete de Setembro	RO/MT	1.478,70
TI Marãiwatsédé	MT	1.039,89
TI Kayabi	PA/MT	842,75
TI Karipuna	RO	669,72
TI Ituna/Itatá	PA	440,87
TI Roosevelt	RO/MT	345,15
TI Arara do Rio Branco	MT	331,88
TI Tenharim Marmelos	AM	282,39
TI Manokí	MT	252,65
TI Sai Cinza	PA	251,45
TI Bacurizinho	MA	242,65
TI Sarauá	PA	206,55
TI Sissaíma	AM	202,73
TI Jauary	AM	201,90



Quanto aos Povos Indígenas Isolados ou de Recente Contato, mais vulneráveis epidemiologicamente, há 114 comunidades indígenas, algumas delas alvo de invasões recentes, como as TIs Ituna/Itatá (PA) e Piriipkura (MT), incluídas no quadro acima.

O orçamento da FUNAI vem caindo sistematicamente. O programa “Proteção e Promoção dos Direitos dos Povos Indígenas” tem para 2022 apenas R\$ 45 milhões. Em 2013, o valor era de R\$ 87,8 milhões.

A mineração em TI apresenta números elevados. Em 2020, a atividade ilegal promoveu a destruição de 2.400 ha na TI Yanomami (RR/AM), 2.137 ha na TI Kayapó (PA/MT) e 1.925 ha na TI Munduruku (PA). O efeito imediato foi a contaminação de indígenas por mercúrio. No Médio Tapajós, nove em cada dez indígenas apresentaram níveis do metal acima do nível de segurança. A malária assolou as TIs invadidas por garimpeiros, além da violência, culminando com incêndio de casas indígenas (TI Munduruku) e tiros contra aldeias (TI Yanomami).

Por fim, entre os projetos de infraestrutura que impactam os Povos Indígenas, destaca-se o ressurgimento da Hidrovia Araguaia-Tocantins (TO/PA), da Usina Hidrelétrica Tabajara (RO) e da BR-319. Todos antigos projetos do período militar com drásticos impactos sobre povos e comunidades tradicionais, cujo licenciamento se reiniciou nos últimos anos.

Migração e transformação¹⁶

O debate sobre as migrações esteve muito presente durante todo o processo de preparação para o Sínodo Especial para a Amazônia, e o Documento Final apresenta o migrante como um grande desafio pastoral.

Dado seu aumento e volume, o fenômeno da migração tornou-se um desafio político, social e eclesial sem precedentes (cf. DAp, 517, a). Diante disso, muitas comunidades eclesiais têm recebido os migrantes com grande generosidade, lembrando que: “Eu era migrante, e me recebestes em casa” (Mt 25,35). O deslocamento forçado de famílias indígenas, camponesas, afrodescendentes e ribeirinhas, expulsas de seus territórios por pressão e asfixia por falta de oportunidades, exige uma pastoral conjunta na periferia dos centros urbanos... Para isso, será necessário criar equipes missionárias para acompanhá-los, coordenando com as paróquias e outras instituições eclesiais e extraeclesiais as condições de acolhida, oferecendo liturgias inculturadas e nas línguas dos migrantes; promovendo espaços de intercâmbio cultural, favorecendo a integração na comunidade e na cidade e motivando-os neste trabalho a serem protagonistas. (Documento Final, 2019, n. 29).

16 Dr^a. Márcia Oliveira. Universidade Federal de Roraima (UFRR) e assessora da REPAM-Brasil



Atualmente os migrantes e os refugiados representam um terço da população mundial, e que experimenta toda sorte de sofrimentos, e uma resiliência com uma capacidade incrível de superação e adaptação aos novos desafios. Nos passos dos migrantes circulam importantes mudanças sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas. Na Amazônia, as migrações, caracterizadas por deslocamentos internos e internacionais, são intensas desde os processos colonizatórios. Para o Papa Francisco, isso representa um grande desafio pastoral.

Quero lembrar que nem sempre podemos pensar em projetos para comunidades estáveis, porque na Amazônia há uma grande mobilidade interna, uma migração constante, muitas vezes pendular, e a região transformou-se efetivamente num corredor migratório. A migração na Amazônia não foi bem compreendida nem suficientemente elaborada do ponto de vista pastoral. Por isso desafia as nossas comunidades urbanas, que deveriam cultivar com inteligência e generosidade, especialmente nas periferias, várias formas de aproximação e acolhida às famílias e jovens que chegam ao território. (Querida Amazônia, 2020, n. 98).

Os migrantes são portadores da fé e levam consigo suas vivências comunitárias para fazer circular saberes, conhecimentos, arte, culinária, cheiros, ritmos, canções e temperos. Carregam saudades, lembranças, memórias de sofrimentos e alegrias que ressignificam sua existência em outros territórios. Muitos deslocamentos são causados pelas mudanças climáticas que provocam eventos ambientais de grande impacto, como o que ocorreu com o terremoto no Haiti em 2010. Outros deslocamentos marcados pela violência e expulsão, são resultado da ganância, das desigualdades, das injustiças e de toda forma de exploração. Ao mesmo tempo que a Amazônia acolhe migrantes dos países vizinhos nas relações transfronteiriças, também envia para outros países uma quantidade imensa de pessoas que partem em busca de melhores condições de vida, de oportunidades de trabalho ou de estudos.

O número 30 do Documento Final apresenta os migrantes como um dos rostos da Igreja na Amazônia:

Entre os diversos rostos da realidade pan-amazônica, destaca-se o dos jovens presentes em todo o território. São jovens com rostos e identidades indígenas, afrodescendentes, ribeirinhos, extrativistas, migrantes, refugiados, entre outros. Jovens moradores de áreas rurais e urbanas, que diariamente sonham e buscam melhores condições de vida, com o profundo desejo de ter uma vida plena.

Por isso, é possível afirmar que acolher e integrar os migrantes e refugiados não é uma questão de opção. É uma atitude evangélica que exige coerência, coragem e abertura para mudanças pessoais e estruturais. No atual contexto migratório da Amazônia, avançar para além do atendimento emergencial e



criar políticas públicas que promovam a inclusão econômica e sociocultural dos migrantes, refugiados, recorrentemente ignorados nos planos nacional, regional e local, são tarefas da gestão do território que os governos precisam assumir segundo os protocolos internacionais e os marcos constitucionais do Brasil. Mas, é também tarefa de toda a sociedade que ao participar desses processos de acolhimento e inclusão se dispõe a experimentar mudanças profundas e a libertar-se de todas as formas de egoísmo, de intolerância, de racismo, de xenofobia e de discriminação.



JULGAR, DISCERNIR E ILUMINA

Santarém 1972: o transbordar de uma igreja que vai delineando seu rosto a partir do vaticano ii e de medellín1718

Para os que participaram do Sínodo para a Amazônia ainda ecoa a inquietação do Papa Francisco para que as propostas que se apresentavam não se resumissem a pequenos “remendos” em nossa ação pastoral, mas constituíssem um verdadeiro “transbordar”. Esta intervenção do Papa, de um lado, nos questionou sobre uma visão muito abreviada da realidade e a busca de soluções que não irrompiam como verdadeiros novos caminhos; por outro lado, nos impulsionou a retomar a ousadia, atitude tão característica da caminhada da Igreja na Amazônia.

É nesta perspectiva que retomamos o Encontro de Santarém de 1972: não se trata aqui tão somente de verificar a atualidade das prioridades pastorais ali delineadas, mas nos revestirmos novamente daquela atitude fundamental que hoje podemos chamar de estado permanente de missão, “Igreja em saída”... Santarém o chamou de ENCARNAÇÃO E LIBERTAÇÃO! Podemos então afirmar que o *rosto amazônico da Igreja vai se tornando evi-*

17 Ir. Roselei Bertoldo . Secretária Executiva Regional Norte 1

18 Francisco Lima – Assessor da REPAM -Brasil



dente num primeiro momento a partir de sua opção profética, que, por sua vez, vai se desdobrando nas suas expressões e configurações estruturais.

Em Santarém foram aprovadas quatro prioridades: formação dos Agentes de Pastoral (incluindo os futuros padres), estradas e frentes pioneiras, Pastoral Indígena, e Comunidades Cristãs de Base. Em 1974, em outro encontro, em Manaus, foi acrescentada como prioridade a Juventude. Tivemos como desdobramentos processos importantes: a criação de institutos de formação, em Belém o IPAR – Instituto de Pastoral Regional, em Manaus o CENESCH – Centro de Estudos do Comportamento Humano (hoje ITEPES – Instituto de Teologia Pastoral e Ensino Superior da Amazônia), que tinham a missão de atuar na formação dos diversos agentes de pastorais na região.

Em 1997, quando foram celebrados os 25 anos de Santarém com um Encontro inter-regional, foi afirmado que *a Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia* – reescrevemos uma eclesiologia amazônica, e as notas conceituais sobre a Igreja fundamentavam seu agir comprometido, no caminho traçado por Santarém. Em 2012, ao fazer memória dos 40 anos de Santarém, foi reafirmada a necessidade e um “projeto de Igreja”, mais do que um projeto pastoral.

Estas reflexões até aqui levantadas chamam atenção para necessidade de um olhar abrangente e de atitudes mais profundas. O Sínodo para a Amazônia confirmou esta caminhada da Igreja que está nesta região. Acolheu as inquietações já refletidas neste longo caminho e as reapresentou nas categorias da conversão (projeto de Igreja) e dos sonhos (Projeto de Reino).

Avancem para águas mais profundas...

Desta caminhada destacamos elementos que já fazem parte da identidade eclesial amazônica, que poderiam, no entanto, ser atualizados em vista das novas interpelações que a realidade apresenta:

a. Igreja e defesa da vida

Nesta identidade eclesial e agir profético, a Igreja teve a capacidade de marcar presença junto às populações ameaçadas e com elas enfrentar os conflitos mais ameaçadores. Populações tradicionais e espaços em disputa: indígenas, ribeirinhos e quilombolas, migrantes, mulheres, adolescentes e jovens, estradas e outras frentes pioneiras, demarcação de terras indígenas, preservação de lagos, tráfico de pessoas...

A presença eclesial foi assegurada de modo institucional por meio



de *organismos* e vale ressaltar o CIMI e a CPT, e de *lideranças*, e destacamos aqui o *martírio* como característica do processo de encarnação.

É necessário perguntar-nos sobre a qualidade e sistematicidade desta presença hoje.

a. Igreja e questão socioambiental

Sempre ligado à defesa da vida, esta perspectiva foi enriquecida com a compreensão da *Laudato Si'* de ecologia integral. A defesa da vida não é pautada por um lançar-se em uma fileira de lutas como quem busca apaziguar os conflitos sempre mais emergentes. Mas fundamenta-se na concepção da casa comum em que tudo está interligado.

b. Uma Igreja que se organiza em comunidades

A questão das comunidades eclesiais é crucial para a vida da Igreja na Amazônia. Falamos agora da comunidade como sujeito no processo evangelizador (*comunidades eclesiais missionárias*). O cenário questiona nossa real opção por este dinamismo eclesial. Elementos de subjetivismo e de urbanização têm provocado uma guinada em nossa pastoral, influenciada por modelos midiáticos, busca-se uma relação com o sagrado sem mediação comunitária.

c. Ministérios numa igreja que caminha na sinodalidade

Desde Santarém, *a visão da ministerialidade da Igreja é claramente compreendida na perspectiva do corpo eclesial*. O Documento de Santarém fala da formação dos “agentes de pastoral”. Com o passar do tempo fomos fragmentando os processos e concentrando esforços na formação do ministério ordenado distanciado do dinamismo ministerial da Igreja. Hoje emerge a presença do *diaconato permanente*. Precisa verificar em qual perspectiva este se encontra. Já é clara a opção ainda não efetivada de *um ministério revestido de autoridade conferido aos cristãos leigos e leigas*. O ministério do *catequista* merece particular atenção.

É importante ter presente a Assembleia Eclesial da América Latina, na qual a questão do clericalismo foi amplamente debatida.



Nosso caminho deve ser o do protagonismo de todos os batizados como uma ruptura com o clericalismo em suas mais variadas expressões.

d. As mulheres e o rosto feminino da Igreja na Amazônia

Temos todas as ferramentas para passos significativos. A “diacônia” das mulheres na Igreja da Amazônia aguarda rompermos com estruturas caducas, e envolvê-las nos espaços de decisão e “poder” na Igreja. O aceno com o leitorado e acolitado conferido às mulheres pode ser um ponto de partida que a Igreja da Amazônia precisa para passos mais avançados.

e. Igreja com o rosto amazônico: inculturação e interculturalidade

O fortalecimento de uma Igreja com rosto decolonial latino-americano e caribenho, definido também como um rosto indígena, negro e feminino. Da mesma forma a fé professada, celebrada e testemunhada deve revestir-se das expressões próprias dos nossos povos. Temos pela frente um caminho a avançar quanto à liturgia e os processos de iniciação à vida cristã.

f. A Igreja discípula da Palavra

A expressão do documento de 1997 (*A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia*) evoca uma Igreja que se articula e age a partir da Palavra, mas também uma Igreja ouvinte; que proclama e que escuta. Isto implica nossos dinamismos de comunicação. Uma Comunicação Popular libertadora, com cidadania eclesial para todos, como confronto com a manipulação das narrativas de muitos meios de comunicação, verdadeiros “promotores de sagrados influenciadores digitais”; investimento nas comunidades eclesiais de base (CEBs) como superação do cristianismo de massa.

(Este texto não é uma síntese nem necessariamente um esquema propositivo de questões pastorais. Quer ser mais uma dinâmica de leitura para que os participantes do Encontro percebam o dinamismo de Santarém e identifiquem os dinamismos necessários para a Igreja na Amazônia hoje: transbordar.

